

QUARTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: **MARCOS 4.35- 41**

Salmo 124

O Salmo 124, no antigo Israel, era um dos “cânticos das subidas”, um dos Salmos cantados nos degraus que conduziam ao templo nos grandes festivais. Mas “ascensão” não é o sentimento divino que experimentamos principalmente nestes últimos tempos (escrevo num tempo complexo da pandemia de Covid 19 onde muitas formas de intolerância com as diferenças se apresentam). Por isso deveria haver "canções de descida", pois a fé cristã é fundada sobre um Deus que desceu, um Deus totalmente incapaz de pairar indiferente em algum céu do Olimpo, um Deus que não pode deixar de descer, descer para estar conosco, para estar entre nós, para ser ... nós, Emanuel, Deus conosco. Deus como ... nós. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade” (João 1.14).

O Salmo pergunta: “Se o Senhor não estivesse do nosso lado ...” Deus realmente toma partido? Algumas das teologias mais tênues e atrozes que ouvimos em nossa cultura é sobre Deus estar do lado de - bem, das pessoas brancas, ou das pessoas piedosas, ou das pessoas de certa inclinação religiosa, ou de determinada condição financeira, ou de certo espectro político, ou de determinada orientação sexual, ou que defendem que a Bíblia é literalmente verdadeira.

Esse Salmo nos lembra que Deus pode estar do seu lado, e também, do seu inimigo mais implacável. Deus não apenas pode ser; Deus está ao seu lado e ao lado dele. Que estranho! E ainda, Deus fez nós dois, Deus não vai se contentar com menos do que todos nós, Deus está comprometido com a minha santidade e integridade, e com a do meu “inimigo”.

Jó 38.1-11

No mundo do prólogo (o mundo que Jó descreve no capítulo 29), Jó era o centro de seu universo, sentado em julgamento no portão da cidade, rodeado pela família e posses e admirado por todos. Jó pensava que o mundo governava por um sistema estrito de justiça retributiva: os justos sempre são recompensados e os ímpios sempre são punidos. E Jó era a pessoa mais justa de todas, como o próprio Deus reconhece (1.8).

Depois que todos os problemas vêm para Jó, seus amigos continuam a seguir a doutrina da justiça retributiva: porque Jó sofre, ele deve ter feito algo para merecê-lo. O próprio Jó sabe que isso não é verdade. Seu mundo caiu no caos, mas ele ainda mantém sua integridade e clama a Deus para respondê-lo.

Entretanto, Deus não aborda a situação de Jó ou as perguntas de Jó sobre justiça. Deus nem mesmo reconhece o sofrimento de Jó. Em vez disso, Deus leva Jó em uma viagem turbulenta pelo cosmos, começando com a fundação da terra e o nascimento do mar. Deus passa muito tempo lá onde estão as coisas selvagens e diferentes, descrevendo todos os tipos de criaturas ferozes e indomáveis - leões, cabras montesas, veados, burros e bois selvagens, avestruzes, águias - e dois monstros do caos primordiais, Beemote e Leviatã.

Que estranho! Esses discursos de Deus no final do livro de Jó deixam muitos leitores insatisfeitos. Queremos que Deus conte a Jó sobre a aposta com Satanás. Queremos que Deus se desculpe por todo o sofrimento de Jó. Queremos que Deus seja pelo menos, bem, reconfortante.

A resposta de Deus abre o mundo de Jó e expande sua visão para incluir lugares e criaturas que Jó nunca imaginou em sua vida anterior. Deus fala de liberdade e graça em vez de recompensa e retribuição. Deus dá a suas criaturas a liberdade de serem quem foram criadas para ser, selvagens e belas. Deus também mantém a ordem ao colocar limites nas forças que podem mergulhar o mundo no caos: o mar, o Leviatã e até a maldade humana.

Esta é uma resposta adequada ao sofrimento de Jó? Não é, em um sentido convencional, muito reconfortante. Deus provavelmente seria reprovado em uma aula de cuidado pastoral atual. No entanto, esses discursos de Deus no final do livro de Jó realizam algo profundo. Eles movem Jó de seu ciclo infinito de tristeza para a vida novamente. Eles permitem-lhe viver livremente em um mundo cheio de sofrimento doloroso e beleza de parar o coração, e fazê-lo de uma forma que reflete o cuidado de Deus para com o mundo.

2 Coríntios 6.1-13

Paulo exorta a igreja a abrir seus corações diante das dificuldades. Com base nas evidências da carta de Paulo, toda a igreja de Corinto nem sempre o apoiou, nem esta igreja tem sido capaz de se dar bem umas com as outras. De acordo com 1 Coríntios, essas pessoas crentes estão divididas por uma série de questões - crenças na ressurreição,

processos judiciais, discussões sobre a supremacia dos dons espirituais, divisões sobre liderança, desacordos sobre adoração, etc.... Paulo lembra a igreja do evangelho no qual eles criam e exorta os coríntios a usarem esse evangelho para estabelecer o padrão de seu comportamento.

A lista de dificuldades de Paulo demonstra a confiabilidade de seu caráter, o zelo de sua missão apostólica e a sinceridade de seu amor pela igreja de Corinto. Ele correu grandes riscos para falar aos coríntios da graça e do amor de Deus. No entanto, Paulo nunca duvida que o evangelho vale a pena. Mesmo enquanto acusa os coríntios de serem restringidos em suas afeições para com ele (6.12), ele ainda os ama.

Assim como as pessoas crentes de Corinto, as igrejas hoje lutam para saber como viver fielmente. Às vezes, essa luta produz tensão nos próprios relacionamentos que visam ajudar as pessoas membros da igreja a viver fielmente. Em 2 Coríntios 6, porém, Paulo coloca esses relacionamentos na perspectiva adequada. Para Paulo, deixar de amar uns aos outros é um sinal de aceitar a graça de Deus “em vão”. Agora é o dia da salvação. Agora é a hora de mostrar fidelidade, não apenas por meio de palavras, mas por meio da ação. Agora é a hora de viver como testemunhas da nova criação de Deus mesmo em meio a tantos sofrimentos e dificuldades com as formas diferentes de ver a vida.

Marcos 4.35-41

A primeira metade de Marcos é um conto à beira-mar. O ministério de Jesus começa enquanto ele caminha ao longo do Mar da Galiléia. Há referências a Jesus andando ao lado, cruzando ou se aproximando do mar em cada um dos primeiros oito capítulos deste Evangelho, e Jesus menciona isso em seu ensino em 9. 42 e 11.23. Em 3. 9, ele pediu aos discípulos que tivessem um barco pronto para ele por causa do risco de que a multidão que o pressionava para cura e exorcismo pudesse esmagá-lo. Então, em 4. 1, há de fato uma multidão tão grande que ele entra em um barco no mar e ensina de lá, enquanto a multidão escuta da terra.

No início da perícopes, estão relatadas as parábolas de Jesus sobre o reino. Agora é noite naquele dia em que Jesus ensinou do barco e disse aos seus discípulos: “Atravessemos para o outro lado”. Enquanto eles estão cruzando para o outro lado do Mar da Galiléia, eles também estão cruzando outras fronteiras, para o território gentio, onde serão recebidos imediatamente por um homem possuído por uma legião de demônios correndo para eles desde os túmulos. Então, a próxima travessia em 5.21 os leva a

encontros com o desespero silencioso de uma mulher com hemorragia (e, portanto, impura) e a dor caótica de uma casa na qual uma menina morreu.

Jesus cruza muitas fronteiras sociais e espirituais. Ele come com pessoas inadequadas, quebra as leis do sábado, associa-se com pessoas vistas como impuras e curadas, nos momentos impensáveis para o judaísmo, e se comunica com os espíritos impuros... quanta coisa estranha! Por isso, cruzar para o outro lado com Jesus pode ser uma proposição arriscada e imprevisível e, nesta passagem, o vento e o mar criam uma manifestação visual dos perigos de estar no barco com ele, ainda mais em uma cosmovisão estabelecida de que o divino jamais estaria presente no caos (poderíamos pensar os “demônios” como o caos estabelecido na sua forma mais plena?).

Após mais uma demonstração de caos aparece em uma grande tempestade de vento que surge nesta travessia noturna. Os gritos de pânico dos discípulos, oferecem um contraste gritante com o sono tranquilo e seguro de Jesus (ver, por exemplo, Salmo 4. 8).

"Mestre, você não se importa que estejamos morrendo?" A palavra “perecer, ou ser destruído”, ocorre na voz ativa em 8.35: “Aqueles que desejam salvar sua vida a perderão, e aqueles que perderem a vida por minha causa e por causa do evangelho, a salvarão. ” Já ocorreu em Marcos 3. 6, onde os fariseus estão conspirando com os herodianos para destruir Jesus. Os perigos de perecer são reais! Mas tomar a cruz de Jesus acabou sendo a opção mais segura e que mais afirma a vida. É a opção de fé.

Jesus repreende o vento e manda o mar diminuir; a primeira palavra “Acalme-se” (NAA) é um verbo que significa calar(cale-se!); o segundo, “Fique quieto!” (NAA), significa literalmente amordaçado. Esta expressão de repreensão é usada quando Jesus repreende o espírito impuro em Mc 1.25, 3.12 e 9.25. E o espírito imundo em Mc 1. 25 também deve ser amordaçado. Em Mc 1.27, a multidão se maravilha que até mesmo os espíritos imundos obedecem a esse que ensina com autoridade, e aqui os discípulos se maravilham de que até o vento e o mar obedecem seu mestre. "O que é isso?" a multidão pergunta (1.27). "Quem é?" pergunte aos discípulos aqui que agora entendem que não é apenas uma questão de algum poder operando nele, mas de algo sobre quem ele realmente é.

A semelhança com o exorcismo ressalta a extensão da ameaça e, também, sugere que a repreensão efetiva de Jesus ao vento e ao mar é outro exemplo de seu poder sobre todo e qualquer caos estabelecido. Seu ensino da palavra do reino tem autoridade porque o reino também está mais poderosamente à mão nele.

"Por que vocês ainda estão com medo?" Jesus pergunta aos discípulos. "Você ainda não tem fé?" A palavra traduzida como medo, também pode ser traduzida como covarde (como em Apocalipse 21. 8). Em Mc 4.41, a frase traduzida por "possuídos por grande temor" (NAA) diz literalmente que os discípulos experimentavam um grande medo. Aqui é preciso atentar para o fato de que esse grande medo, ou espanto, não é necessariamente o oposto da fé, embora a covardia durante a tempestade pareça ser. Esse medo no vs. 41 é o que é experimentado pela mulher curada em Mc 5. 33-34, quando ela se apresenta, com temor e tremor, para dizer a Jesus toda a verdade sendo imediatamente elogiada por sua grande fé! Por outro lado, quando as pessoas ficam com medo ao ver o endemoninhado curado em Mc 5. 15-17, seu medo os leva a implorar para que Jesus deixe seu território. E quando as mulheres em Mc 16. 6 não dizem nada a ninguém sobre o túmulo vazio, é porque estão com medo.

Não é impróprio se "acovardar" diante do caos, mesmo na presença do Senhor. Se tivermos a menor ideia de sua glória, isso é apropriado, mas também, em certo sentido, irrelevante. O que parece importar é o que fazemos apesar ou por causa dessa admiração.

Em 6.45-52, uma passagem com muitos paralelos a esta, os discípulos têm outra chance de experimentar o poder de Jesus sobre os ventos. Lá, como aqui, eles abandonaram uma multidão e partiram ao comando de Jesus para o outro lado. É novamente noite, e onde Jesus está dormindo em 4:38, em 6: 46-47 ele está na praia em oração. Mas ele vê quando os seus estão lutando e vai até eles. Então o vento cessa, e novamente eles não entendem. Finalmente em 6: 53-56, como após esta primeira travessia, o que eles encontram do outro lado é gente sofredora correndo para Jesus de todos os lados e, como a mulher em 5:27, estendendo a mão para tocar em seu manto.

Algumas reflexões

Em Mc 6. 45-52, uma passagem com muitos paralelos a esta, os discípulos têm outra chance de experimentar o poder de Jesus sobre o caos. Naquele texto, como neste, eles deixaram uma multidão para trás e partiram ao comando de Jesus para o outro lado. É novamente noite, e onde Jesus está dormindo em Mc 4.38, em Mc 6. 46-47 ele está na praia em oração. Mas ele vê quando os seus estão lutando e vai até eles. Então o vento cessa e novamente eles não entendem. Finalmente, como após esta primeira travessia, o que eles encontram do outro lado é gente enfrentando o caos em suas vidas nas mais diversas

formas, correndo para Jesus de todos os lados e, como a mulher em Mc 5.27, estendendo a mão para tocar em seu manto.

Deixar a multidão para trás e seguir Jesus, não nos garante, como indivíduos ou como igreja, uma vida livre de caos estabelecido, e nós, como os discípulos e os salmistas, às vezes podemos nos surpreender clamando: “Acorda Jesus! Você não se importa?” Mesmo quando sobrevivermos às tempestades, seguir a Jesus pode muito bem nos levar diretamente para o encontro com o caos da existência na sua pior forma de dor e sofrimento do mundo, mas é no caos estabelecido que o toque poderoso de Jesus é mais necessário. Além do mais, nos surpreendemos com a forma, estranha, de Jesus insistir em se fazer presente em realidades caóticas, contrapostas à lógica ordem divina.

Mesmo para nós, que conhecemos o final da história, o que os discípulos em suas tempestades não conhecem, cruzar para o outro lado ao comando de Jesus pode provar nossa fé, mas também nos coloca em posição de experimentar o acalmar de nossas tempestades, ordenar o caos estabelecido, a restauração dos quebrados e marginalizados e a transformação da morte em vida.

Talvez, sabendo o que conhecemos como pessoas seguidoras da pós-ressurreição, possamos reconhecer que mesmo em meio às mais violentas tempestades da vida, aquele que é Senhor de toda a natureza e aglutinador do caos está presente, pairando sobre nós e o mundo, com paz, poder e cura em suas asas.

Pastor Diego Ernesto Petry